



3 DE FEVEREIRO

O texto que a seguir publicamos, da autoria do Dr. Eduardo Mondlane, foi-nos gentilmente cedido por Janet Mondlane a quem pertence a breve nota introdutória, assim como a nota explicativa que antecede o poema «O Estrangeiro».

Conheci o Eduardo Mondlane quando eu tinha apenas 17 anos. Apaixonar-me por esse jovem alto, dinâmico, com olhos brilhantes e uma análise inteligente de problemas que afligiam o meu jovem espírito foi a coisa mais fácil deste mundo. Ele era atraente para a maior parte das pessoas que o conheciam, quer concordassem quer não com as suas ideias.

Desde aquele primeiro encontro que aconteceu há muitos anos, muitas vezes me pus a pensar como é que uma personalidade como a dele se desenvolveu, qual foi o processo que lhe possibilitou movimentar-se literalmente à volta do mundo e unir as ideias e a mentalidade das pessoas com que se encontrasse, absorvendo-os no seu próprio espírito de

tal forma que lhes podia falar com palavras significativas. Talvez o Eduardo tivesse nascido com uma predisposição para amar os seres humanos seus semelhantes. Por outro lado, é mais provável que uma vida árdua conjugada com a sua própria análise constante do que lhe acontecia a si mesmo e à sua volta formassem uma compreensão e simpatia pela condição humana, que ultrapassavam o normal.

A sua vida e pensamento passaram por várias fases, entre as quais uma relação profunda e por vezes conturbada com a igreja cristã, neste caso a religião protestante, então encorporada em Moçambique pela Missão Suíça. Mais tarde, tendo deixado para trás de si uma parte considerável das crenças sobrenaturais da religião embora sem nunca se ter esquecido do que ele próprio devia ao cristianismo no seu desenvolvimento pessoal, foi-lhe pedido que interpretasse o processo de transição de um africano, da vida rural até ao seu reajustamento a uma sociedade industrializada. Escreveu alguns apontamentos acerca disso (por volta de 1960?) que terminam com um breve comentário sobre como ele próprio conseguiu evitar o ódio racial na sua personalidade.

Alguns reajustamentos sócio-psicológicos de um africano educado numa missão cristã

POR EDUARDO MONDLANE

Penso que a forma mais sensata de abordar a questão sobre o efeito da urbanização e industrialização em cristãos africanos na África Austral, é cavar bem fundo em mim mesmo e tentar tão honestamente quanto me é possível interpretar as experiências da minha vida que tenham relevância no problema. Se quiséssemos definir um percurso em relação ao modo de vida da mais rural à mais urbana, ou da menos industrializada à mais industrializada, ou ainda da menos ocidentalizada à mais ocidentalizada, a minha comunidade local na altura em que nasci poderia colocar-se muito próximo das «mais rurais». Pessoalmente sou uma das milhões de pessoas que tiveram o privilégio ou o infortúnio dependendo da maneira como cada qual vê a situação, de seguir gradualmente através do

percurso, desde o desenvolvimento rural ao industrial. Quase todos os pontos de transição através dos quais passei no meu crescimento físico, intelectual e espiritual situavam-se em instituições missionárias cristãs. Ainda muito novo, criei gado caprino, ovino e bovino como pastor. Mais tarde, quando tinha cerca de onze anos comecei a frequentar uma escola, primeiramente em zonas rurais mais tarde numa cidade de pouco mais de 50 000 habitantes, metade dos quais aproximadamente eram de raça e cultura diferentes: em seguida voltei ao campo, a uma escola agrícola que utilizava métodos científicos de agricultura. Mais tarde voltei à minha própria comunidade a fim de transmitir às pessoas da minha terra natal o que eu próprio tinha aprendido. Depois fui a uma escola se-

cundária no Transvaal setentrional, numa área predominantemente agrícola e totalmente controlada por agricultores brancos da Europa Ocidental.

Daí segui para Joanesburgo, provavelmente o maior centro industrial em todo o Hemisfério meridional, estudei na escola de trabalho social e na universidade. Mais tarde fui para a Europa à busca de educação superior na Universidade de Lisboa e visitei vários outros países europeus. Finalmente vim aos Estados Unidos onde estudei em duas universidades, uma situada numa zona rural e a outra na segunda maior cidade dos Estados Unidos. E agora vivo naquela que é provavelmente a maior cidade do mundo, à excepção de Moscovo.



O amor pelas crianças

Qual é o objectivo da acção missionária cristã? Esta questão surge quase imediatamente quando tentamos compreender o nosso próprio crescimento inicial. Certamente não é possível dar uma resposta fácil. A maior parte dos cristãos diria: «É trazer a Boa Nova de Cristo aos pagãos». Há igrejas cristãs cujo único objectivo do seu trabalho missionário é este. Consequentemente a sua tendência é não fazer mais do que isso. Mas isto não representa a essência do trabalho missionário em África. Visto sob um ângulo de experiência pessoal, o trabalho missionário na África Austral parece ser, para além da conversão ao cristianismo, uma tentativa de ajudar os africanos a enfrentarem com êxito o seu ambiente físico e social. Este objectivo é alcançado em parte através da educação formal, serviços hospitalares e outros programas de bem-estar social realizados pelos diferentes grupos religiosos.

O meu primeiro contacto com a fé cristã foi através de outros africanos que já tinham sido convertidos a essa mesma fé. Apenas quando comecei a frequentar a escola conheci missionários brancos estrangeiros. Aquilo a que se chama uma «Estação missionária» é na realidade um centro cultural, educacional, religioso e de serviço sanitário.

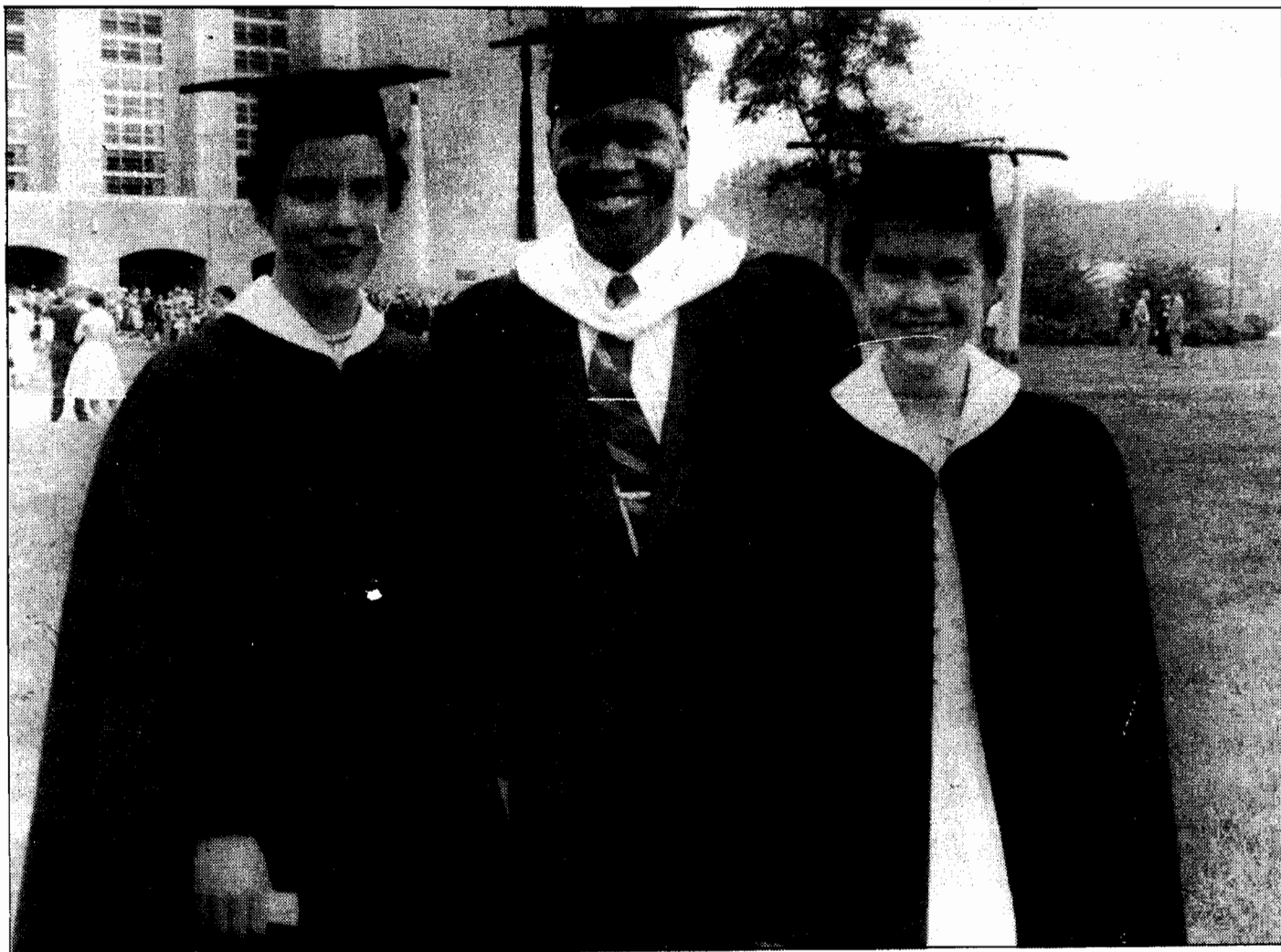
É na Estação Missionária que pessoas de cultura ocidental e africana se relacionam intimamente. Por

exemplo, antes de ir a uma escola missionária, frequentei uma escola do Governo dirigida por um professor branco. Nessa escola a linguagem governamental (oficial) que me era estranha era o único meio de comunicação entre os alunos e os seus professores. Com os professores africanos era fácil recorrermos à nossa própria língua nativa de cada vez que se atingia uma crise no nosso relacionamento. Com os professores brancos tal não era possível; mas a sua posição predominante como indivíduos e a sua cultura dentro do sistema escolar tornavam ainda mais imperativo que houvesse um certo canal de comunicação que reduzisse algumas das tensões existentes entre nós. Com os missionários, tal situação era improvável principalmente devido ao facto de todos eles falarem razoavelmente a nossa língua, e na verdade, em alguns casos, muito bem.

Aqui talvez seja útil apresentar outras duas forças que eram responsáveis pela mudança sócio-cultural na África Austral, e que desempenharam um papel importante no meu desenvolvimento pessoal. Tais são as instituições político-administrativas típicas de governos europeus e as instituições comercial-industriais euro-asiáticas. As minhas relações com estas duas forças institucionais foram em grande parte impessoais.

Quando digo impessoais quero dizer que nunca conheci nenhum indivíduo branco ou asiático pertencente às estruturas político-administrativas ou comercial-industriais que pudesse ter-me introduzido no seu trabalho e lógica ou racionalizações. Contudo directivas administrativas emanadas de um sistema político formulado a vários milhares de milhas de distância, na Europa, afectavam constantemente as nossas actividades diárias na minha comunidade local, e políticos industriais destinadas à extracção de metais preciosos e minerais na África do Sul assim como relações comerciais entre este país e o nosso estavam a influenciar fortemente a vida familiar nos nossos lares. Um dos meus irmãos mais velhos, que tinha lutado lado a lado com os soldados portugueses brancos contra os alemães no Tanganica, tinha desenvolvido certos traços de personalidade que mesmo as pessoas mais inteligentes na nossa comunidade entendiam. Outro irmão meu morreu de doença pulmonar resultante de poeira das minas. E finalmente um terceiro irmão perdeu a vida quando trabalhava nos estaleiros de Lourenço Marques, supervisionando o descarregamento de um cruzador oceânico. No total a minha família perdeu três homens, todos eles resultantes de circunstâncias criadas pela influência de instituições ocidentais, industriais e comerciais entre nós. Esta história poderia repetir-se na maior parte das famílias na África Austral.

Talvez alguém possa perguntar o que há de anormal nisto. Na América assim como em muitas partes do mundo pessoas sofrem ferimentos ou são mortas na guerra na indústria e em muitas outras situações. Certamente a experiência não tem nada de invulgar excepto numa coisa muito importante, nomeadamente que na maior parte das sociedades ocidentais se o equilíbrio mental de um indivíduo é arruinado na guerra, ou se um homem contrai uma doença na indústria,



Em companhia de suas colegas da Universidade, vendo-se à esquerda Janet Rae

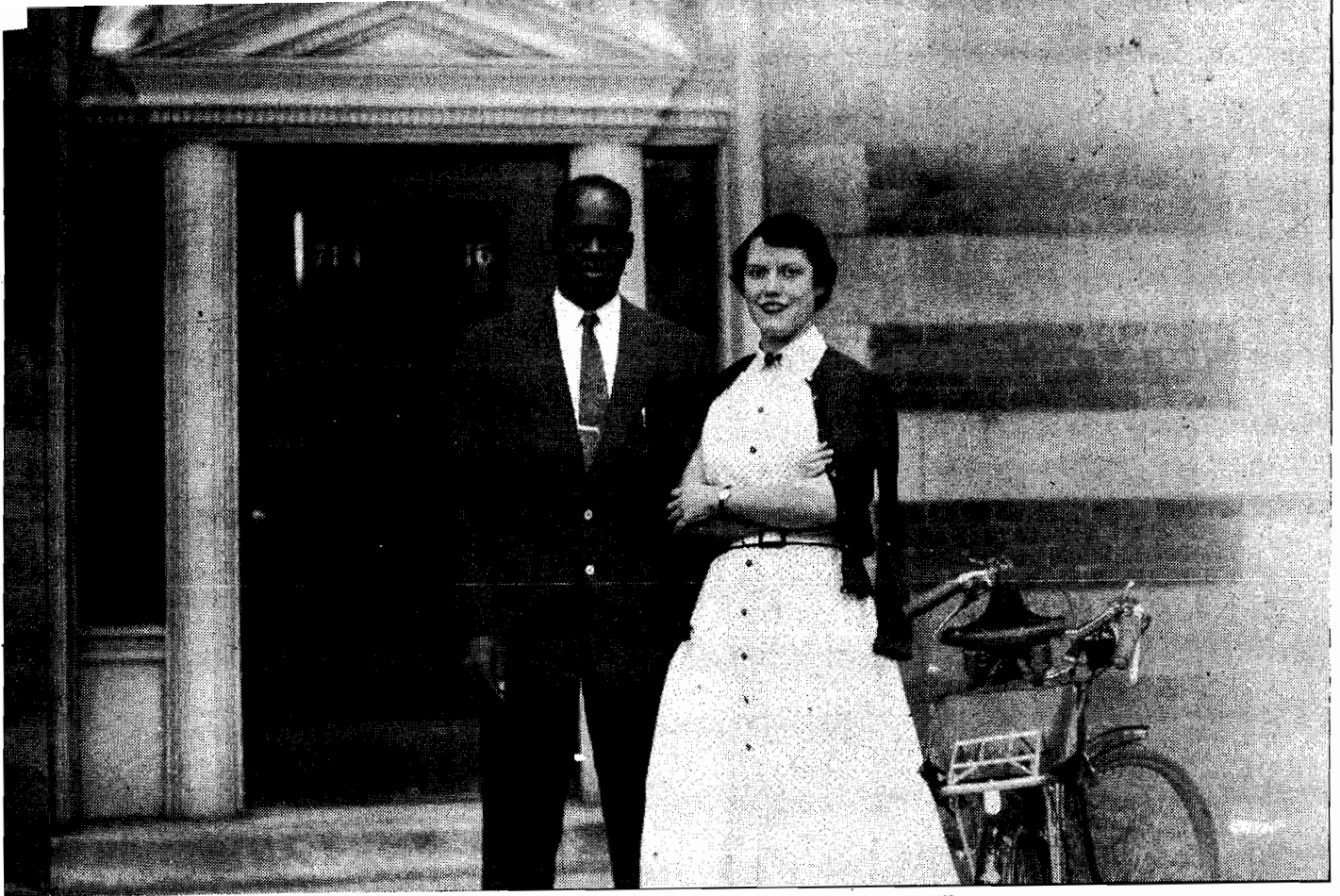
ou é morto por uma máquina num porto, há um sistema de segurança social para ajudá-lo a ele ou à sua família, criado quer pelo governo, por algumas instituições privadas quer por outras. Não é o que acontece na nossa situação, pelo menos há 25 anos.

A maior preocupação de um governo colonial é garantir a realização dos objectivos políticos da metrópole, e uma vez que os habitantes da colónia não desempenham nenhum papel na eleição das pessoas que formulam a política, não é necessário que estes peçam a aprovação dos primeiros. De tal forma que o impacto de um sistema governamental estrangeiro na população é deixado sem abrandamento, sem um amortecedor para aliviar o seu pesado impacto. Isto também se aplica às políticas das instituições comerciais e industriais que chegam com os novos sistemas governamentais.

Os asiáticos que controlam a maior parte das empresas comerciais da África Austral não parecem preocupados com os africanos como tal, excepto na medida em que sejam produtores de bens agrícolas comerciais que eles possam trocar por vestuário. Tal como a maior parte dos comerciantes, eles estão interessados em vender algo ao africano nativo em troca de matérias-primas para exportação. A comunicação entre asiáticos e africanos limita-se por isso ao míni-

mo suficiente para a troca de mercadorias. Isto significa também que existem muito poucos contactos humanos entre estes grupos racial-culturais no sudeste de África. O mesmo é aplicável, com algumas excepções, à relação entre os africanos e os brancos envolvidos em actividades comerciais do mesmo género.

A primeira vez que fui a Lourenço Marques à procura de emprego para poder custear as minhas propinas escolares, consegui em dois dias ser empregado por uma família branca. As minhas tarefas compreendiam ajudar em trabalhos de casa e levar recados a vários estabelecimentos comerciais na cidade. Todos os dias de manhã ia ao mercado comprar artigos de mercearia, frescos e carne para a família. Também servia a mesa da família em todas as três refeições do dia, incluindo em alguns lanches intermédios. Como um criado da família eu não podia ser levado a nada realmente importante excepto quando se tratasse de conversas muito banais. De cada vez que surpreendia os membros da família a discutirem algo importante, sentia que eu era um intruso e fingia que não estava a ouvir nada. Quando falavam para mim faziam-no de uma maneira condescendente a não ser que estivessem a dar-me ordens para fazer isto ou aquilo. O mesmo se aplica às pessoas com as quais tinha de me relacionar nos estabelecimentos comer-



Illinois, Chicago 1954. Mondlane com sua amiga Millet

ciais onde o meu patrão tinha negócios. No mercado, as minhas relações com os chineses que vendiam a maior parte dos frescos, o branco que cortava e vendia carne, e o asiático (indo-paquistânês) que lidava com produtos de mercearia e pescado estavam estritamente confinadas à compra do que eu precisasse e nada mais. Mesmo à linguagem utilizada não poderia ser outra coisa se não uma salada de todo o tipo, desde que eu pudesse dizer ao vendedor o que eu queria e ele dizer-me quanto custava. Para um rapaz do campo como era eu uma situação inquietante do ponto de vista emocional.

Na cidade de Lourenço Marques existiam muitas estações missionárias dirigidas pelas diversas igrejas cristãs. Algumas destas pertenciam à minha igreja. Todas as quartas, sextas-feiras e sábados à noite a igreja dava aulas nocturnas aos crentes. Depois das aulas, jovens bem preparados ensinavam-nos a cantar os nossos hinos. O contraste que notávamos entre o missionário branco e os restantes brancos era muito significativo. Poder-se-ia ver que existia uma diferença de atitude básica nos dois tipos de pessoas. Efectivamente eram tão diferentes que dificilmente se poderia reconhecer a sua origem cultural e política comuns. Claro que havia alguns missionários brancos que diziam de uma maneira nem sempre tão subtil que eram «superiores». Mas estes eram uma minoria e os africanos davam-lhes alcunhas especiais tais como «abutre», «crocodilo», etc, para os distinguirem do resto dos seus colegas. Quando mais tarde conheci a família Clerc (*) e me levou à sua casa para que

eu frequentasse a escola missionária local, foi-me dada uma melhor oportunidade para compreender muitas das coisas que aconteciam à volta e dentro de mim. Claro que isto não aconteceu automaticamente nem imediatamente. Durante algum tempo tive de me despojar de algumas das coisas que tinha concluído no meu espírito como sendo típicas de todos os brancos. Não sei o que teria acontecido à minha própria visão religiosa e filosófica se não tivesse conhecido os Clercs, ou melhor ainda se não tivesse convivido com eles. Além do facto de que não teria jamais tido a oportunidade de continuar a minha própria formação, teria crescido com ódio aos brancos que não me permitiria ajudar a corrigir fosse o que fosse que não gostasse neles.

Se tomarmos em consideração o facto de que eu provinha originalmente do que se pode chamar uma classe dominante africana, para depois ser colocado numa posição algo parecida com a de escravatura durante alguns meses, e em seguida a viver com os Clercs que me trataram quase como um dos seus quatro filhos, as coisas mudam de figura. Como uma experiência individual, com características únicas, o meu caso pessoal pode ter pouca importância.

André Daniel Clerc era o dirigente da Missão Suíça e professor do jovem Eduardo Mondlane. Um relacionamento caloroso foi construído entre o Eduardo Mondlane e a família. O Senhor Clerc escreveu um livro intitulado, **Chitlanço, Filho dum Chefe**, baseado na infância e juventude do Eduardo. O livro foi traduzido em muitas línguas (incluindo Ronga), salvo a língua portuguesa.

Desta forma, a sua análise contribui para compreendermos a sua personalidade. Mas, voltando à questão inicial sobre o que teria criado nele o amor pelo seu semelhante, independentemente da posição ou raça, apenas podemos aceitar como um facto a sua maneira de ser que não é fácil de se imitar.

Esta característica acentuava-se mais em relação às crianças. Ele era para elas algo de mágico. Em Abril de 1964, ele encontrava-se em Tunis a trabalhar na criação de bases sólidas da jovem FRELIMO. Tinha saudades da sua casa e da sua família. Foi dar um passeio num parque e, nessa noite, escreveu um curto poema sobre isso.

A sua maneira, o poema define precisamente o tipo de pessoa que era o Eduardo, tal como o fez o seu exercício intelectual nos anteriores.

O estrangeiro

Um estrangeiro dá um passeio à tarde
Através dum jardim de flores, onde
Famílias, casais, crianças
E homens sós como ele
Também passeiam, vagabundeiam ou se espreguiçam
Possivelmente procurando uma breve pausa
Longe do seu mundo e do seu trabalho.

A sua atenção é subitamente atraída
Pela beleza das flores;
Como um espectro resplandesciente de cores
Reluzente ao ar puro
Em contraste com um céu de um entardecer profun-
[damente azul

A variedade de cores dispersas,
Desenhadas num vivo brilho do sol,
Somente se harmoniza com o perfume estonteante
Transpirado por estas brisas primaveris,
Da Mae Natureza.

Atrai-o um pequeno pedaço de terra com flores
Especialmente, por razões para além dos seus conhe-
[cimentos.

Ele concentra-se numa específica;
Ajoelhando-se ao pé dela
Ele consegue distinguir-lhe o seu odor
De todas as demais...
Ele fecha os seus olhos por um momento,
Mas abre-os subsequentemente
Quando a sua mente começa a descobrir
Associações que ele preferiria evitar
Se ele tivesse que apagar a sua solidão.
Pelo menos por um instante.

Ele apercebe-se da multidão:
Muita gente o observa
Alguém diz, «un etranger... un Americain»!
Ele responde, «non... je suis Africain»!
Eles riem, como se ele tivesse dito algo cómico.
Ele encolhe os seus ombros desesperadamente
Eles se riem ainda mais...

Alguns chamam a atenção dos seus filhos,
«Voilà un negro américain»!
Um coro de vozes de crianças diz,
amigavelmente «Bonjour, Monsieur»!

Ele responde-lhes, amavelmente.
Oferece a sua mão a um menino
Um tanto alto e com o olhar inspirando camaradagem,
Com provavelmente sete anos.
O rapaz enfia a sua mão no seu bolso
Imediatamente e retira-se para junto da multidão.
Os adultos, coceguentos até à morte.
Riem às gargalhadas.

O estrangeiro vira-se para uma menina pequena,
De cabelos pretos e encaracolados,
(uma forte imagem da sua própria filha, em casa)
Na casa dos seis. Ele diz, «Hello»!
Sorrindo vaidosamente ela responde, «Allô»!
Encorajado, ele oferece-lhe a mão...
Ela aceita-a gentil e cortêsmente
À medida que a puxa para baixo.

Depois todas as crianças em volta
Vêm aglomerar-se junto do estrangeiro
Dizendo, «Monsieur, serrez ma main»!
Assim, ele aperta as mãos de dez,
Vinte, trinta crianças excitadas
Enquanto que os seus pais o miram de soslaio;
Mães e amas trazem-lhe
Aqueles que não podem ir ao seu encontro.

Devido à idade ou falta de coragem.
O estrangeiro amavelmente oferece
a sua grande mão preta a todos e toda a gente,
Como se estivesse fazendo campanha para o parla-
[mento
E a sua eleição dependesse dos seus votos.

Finalmente, precisamente no extremo
Duma longa fila de crianças excitadas,
Aparece o rapazito alto e desengonçado
Que tinha tido a oportunidade
De apertar a mão ao estrangeiro.
Intrigado, o estrangeiro pergunta
«Agora, meu lindo amigo,
«Estás pronto para um aperto de mão»?
«Sim, senhor»! respondeu o menino

Em vez de oferecer a sua mão
O estrangeiro levanta o catraio
E abraça-o de encontro ao seu coração,
(Como ele muitas vezes o fez com o seu próprio
[filho).

E, quando suavemente o põe no chão,
O estrangeiro vê uma nova fila,
De crianças de todas as idades, tamanhos e cores.
Mais comprida que antes,
pedindo para serem levantados ao ar.

E.
Tunis, 18 de Abril de 1964.